

Este número de *Caracol*, como os anteriores, apresenta um traço importante do perfil da revista desde sua fundação: inserir-se no campo do hispanismo com a perspectiva singular decorrente de seu contexto histórico e geográfico, de um lugar institucional brasileiro. Entre as similares está entre poucas que edita ensaios em português e tem especial interesse pelos estudos literários ou linguísticos comparatistas.

O exílio tem sido nas últimas décadas um tema de grande interesse no âmbito ibero-americano, afinal ele foi posto em pauta pelas práticas de violência de estado que cruzaram as fronteiras de toda essa vasta região. No universo acadêmico brasileiro, são relativamente frequentes cursos ou trabalhos dedicados às ditaduras e consequentes exílios de Portugal, talvez por antigos laços históricos ou linguísticos, bem como dos países do assim chamado “cone sul”, seja por concomitâncias de períodos ditatoriais, seja por intervenções repressivas “transnacionais”, como a Operação Condor. No entanto, esse não é o caso do exílio republicano espanhol, daquela massiva diáspora provocada pela derrota do governo republicano na Guerra Civil Espanhola.

Considerando esse cenário, coube-me organizar o dossiê deste número. Tinha em vista oferecer questões relativas ao exílio espanhol de 1939 e um ensaio teórico. Este abre o dossiê. Raul Antelo explora a potência virtual da reflexão de Macedonio Fernández sobre a modernidade, situando-a na teia de suas possíveis relações com uma gama, local e europeia, de pensadores como Borges, Murilo Mendes, Foucault, Benjamin e Agamben, entre outros, e propõe uma perspectiva teórica original que ilumina a leitura da angústia mais aguda da vida e da obra de exilados: como permanecer? “Exílios do Tempo no Tempo”; versos de Brecht, Heine, Celan, Ferreira Gullar ou Emilio Prados e José Bergamín. A escrita do ensaio é ela mesma uma incursão em territórios de “survivências”.

O conjunto de artigos sobre a produção exilada espanhola durante a ditadura do general Franco traz percursos emblemáticos. Diego Santos

Sánchez ocupa-se do teatro de Fernando Arrabal no Brasil, valendo-se de arquivos brasileiros ainda inexplorados para analisar e interpretar o significado cultural e político desse autor de vanguarda no nosso teatro, contexto periférico em que repercutiu sua relevância na cena internacional apesar da censura, evento impensável no cotidiano franquista. Sua trajetória é a de outros autores, como Jorge Semprún, que, crianças ou adolescentes, não tinham participado da Guerra Civil e residiram em outro país e outra língua. Os demais ensaios armam um mosaico de Max Aub, percurso representativo do maior contingente de artistas e intelectuais banidos do território espanhol ao longo de toda a história daquele país. Javier LLuch-Prats analisa as relações entre os agentes culturais que levaram o autor ao público espanhol, ao repertório acadêmico e a um lugar no cânon literário. Mas além de um estudo de caso, o trabalho é uma reflexão sobre o fazer crítico e o historiográfico, tanto lá como cá. Ao percorrer as trilhas da tradução do romance de Aub, *Jusep Torres Campalans*, ao francês, inglês e alemão, obra aliás resenhada por Otto Maria Carpeaux, em 1961 no *Diário de Notícias* do Rio de Janeiro, Federico Gerhardt traz um aspecto decisivo do empenho do exilado na luta para vencer o silêncio a ele imposto, do empenho para permanecer. O trabalho de Eva Soler explora outro aspecto da mesma luta na correspondência de Aub com o editor da revista *Ínsula*, extraíndo da esfera supostamente privada das cartas, movimentos do autor para estabelecer pontes textuais entre as duas Espanhas.

Finalmente, as duas entrevistas e as duas resenhas que integram o dossiê compõem um todo, ou outro dossiê, que *Caracol* deve, antes de mais nada, à generosidade de duas pesquisadoras reconhecidas e militantes no campo de estudos do exílio espanhol de 1939: Raquel Macciuci e María Teresa Pochat. As vozes de Manuel Lamana, morto em de em 1996 em Buenos Aires, e de Nicolás Sánchez Albornoz, que vive atualmente na Espanha, encontram-se aqui resistindo à convenção do tempo linear e o diálogo entre eles prolonga-se nas duas resenhas incluídas no dossiê. Elas

comentam um livro de cada um deles, nos quais se encontra a vivência que ambos compartilharam, que narraram em diferentes momentos, mas que só recentemente, e quase ao mesmo tempo, foram editados pela primeira vez. E note-se que, como mais um momento desse tempo descontínuo, Lamana anuncia na entrevista de 1985 a publicação de sua obra *Diario a dos voces*, que, no entanto, ocorreu somente em 2013. Mas a distância no tempo a aproximou nas vitrines das livrarias de sua companheira, de *Cárceles y exilios*, de Nicolás Sánchez-Albornoz.

O interesse atual pelo tema do exílio confirmou-se nas contribuições enviadas a partir da chamada feita para este número. Note-se que nelas se estende o exame das obras dos exilados republicanos espanhóis: Juan Pascual Gay analisa a figuração do poeta desamparado na escritura de Tomás Segovia projetada em sua busca da palavra errante e desobediente; Cristiana Fimiani toma o “corpo cansado e o velho paletó” de Jorge Guillén para ler seus versos desterrados, contaminados pela língua inglesa e pelas ruínas da Europa. Nos demais artigos estão em foco outros espaços da América Latina. Cabe destacar que, por acaso ou não, espontâneas colaborações trazem dois vetores de reflexão sobre o complexo exílio cubano: Favatto, do ângulo do historiador, examina no exercício memorialista de Cabrera Infante seu apoio à Revolução Cubana; María Virgínia González, inspirada na imagem de um “arquipélago” delineado por “exílios interiores e exteriores”, traça o perfil do exilado na escritura ao tomar uma obra de Wendy Guerra, que vive em Cuba e se considera exilada. Os outros dois artigos que compõem essa parte, centrados em autores de trajetórias e tempos distintos, mas igualmente relevantes, apontam duas linhas férteis para o tratamento do tema. Mônica Marinone rastreia o exílio no reiterado “gesto narrativo” de Roa Bastos, nos gêneros frequentados por ele, como chave para a relação entre o olhar caleidoscópico e o trânsito entre as línguas experimentado pelo escritor. Laura Maccioni, considerando o deslocamento como germen textual, aponta vínculos entre a figuração dos narradores de

Saer e as variações do olhar entre os extremos, o do míope e o do estrangeiro, de modo a expor o permanente risco de dissolução das imagens.

E em se tratando de múltiplos olhares, ao final do número encontram-se resenhas de títulos que alguns críticos olharam com atenção e julgaram merecerem a dos pesquisadores da área.

**Valeria De Marco**